

## **Relato de Flávio e Ligiane Righi da Silva, pai e mãe de Andrielle, vítima do incêndio.**

Ceres VÍctora and Bryan McCann

*As we (Ceres VÍctora and Bryan McCann) conducted our research for this special issue on the Kiss Nightclub Fire, we interviewed survivors, family members of victims and advocates in the struggle for justice. These interviews were central to our research: we could never claim to feel anything like what these interlocutors feel in regard to the tragic fire. But sitting with them and hearing their testimony has been vital to our understanding. We have sincere admiration for their dignity and persistence, and deep appreciation for their willingness to share their stories. With the permission of the interlocutors, we have included two of the most revealing interviews here.*

*We have lightly edited these interviews to maintain the flow of the conversation on the printed page. But we have chosen to maintain informal and local usage of Rio Grande do Sul, to convey the flavor of everyday speech.*

*Quando nós (Ceres VÍctora and Bryan McCann) realizamos a pesquisa para esta edição especial sobre o incêndio da Boate Kis, nós entrevistamos sobreviventes, familiares de vítimas e advogados que lutam por justiça. Essas entrevistas foram*

*fundamentais para nossa pesquisa e, embora nós não acreditamos que sabemos o que eles viveram desde o trágico incêndio, sentar com eles e ouvir seus testemunhos têm sido vital para nosso entendimento e organização deste trabalho. Nós temos sincera admiração por sua dignidade e persistência e agradecimento por sua disponibilidade de compartilhar suas histórias. Com a autorização dos interlocutores, nós incluímos duas das entrevistas mais reveladoras que nos concederam.*

*As entrevistas aqui publicadas foram levemente editadas para manter o fluxo da conversação. Nesse sentido, foram suprimidas algumas palavras repetidas, sons que ocupavam momentos de hesitação e segmentos de fala que versavam sobre temas que dispersavam do tema principal da entrevista. Mas no texto foi mantida a linguagem informal que caracterizou os nossos encontros. Foram mantidas expressões linguísticas regionais, tais como vocabulário local, conjugação verbal e formas de concordância nominal características do Rio Grande do Sul a fim de aproximar o(a) leitor(a) do sabor das conversas cotidianas.*

F: Aí teve uma...uma vez que nós estava tudo lá [na Tenda da Vigília]...tinha uma mãe que não estava muito bem e a gente conversando, tentando... chorou bastante, a gente tentando acalmar. Eu sempre dizia assim: “gurias, você têm que chegar aqui, você têm que sair melhor do que vocês chegaram; se vocês não saírem melhor, não está resolvendo”. E ela chegou chorando muito, e a hora que a gente conseguiu dar uma acalmada nela, chegou uma mulher lá e ficou parada na frente do banner, né, olhando assim para cada um, ela. Daí ela disse assim: “Minha filha está na Espanha, minha filha está muito bem,” falou a idade, “ela ia

ir [na boate], mas e aí ela não foi. Graças a Deus que ela não foi. A minha filha está bem encaminhada. Mas esses aqui tão tudo com o diabo.”

L: Foi aquele silêncio... Eu digo: “Ah...mas eu não vou ficar quieta”. Digo: “Ah...me desculpe minha senhora, mas é o fim da picada dizer uma coisa dessas.”

[Ela respondeu]: “Ai porque não sei o quê... Os pais deixam tudo largado... que os pais não sabiam onde [os filhos] tavam...” Eu digo, “Eu sabia muito bem, onde tava a minha filha...” tanto que me perguntavam: “tem certeza que ela tava?” Eu digo: “eu tenho certeza absoluta. Ela tava na Kiss. Se ela não estivesse, ela ia ligar. Ela ia avisar.” Uma coisa que a gente sempre ensinou pra ela era responsabilidade. E isso ela tinha. Por isso que a gente briga tanto, fala tanto de justiça, fala tanto de responsabilidade; porque a gente educou elas assim.

L: Ela saía, eu dizia: “Ah, tá, avisa a mãe se tu vai demorar ou se tu vai fazer uma outra junção.” Aí ela ligava, às vezes uma ou duas horas da manhã...“Ai, mãe a senhora não dormiu?” Digo: “Eu não durmo enquanto não chegar...Então, não vem de madrugada, fica na casa das gurias. Então tu vem quando amanhece.” Eu tinha toda essa preocupação com ela. Quantas vezes ficava esperando no sofá ela chegar... Os filhos quando saem é isso, né? Quando sai, não adianta. E como ela era mais velha, eu tinha mais preocupação com ela. Porque a Gabi já não era disso aí, a Gabi já mais quietinha, tinha 17 anos na época, né? Porque, a Andri, tentei

segurar até os 18 para ela não sair, mas aí vem as amigas, começam: “Deixa tia, deixa tia, deixa que ela tá com a gente, ela tá bem.” E aí foi dos 18 aos 22, assim... a nossa preocupação, que a gente sempre fala, era para ela avisar: “Mãe cheguei, tá mãe?” “Oh, tá, tá tudo bem aí, tá?” [Ela] dizia. “É mãe, não liga porque daqui não pega [a conexão do telefone].” Daí eu pensei: “tá, ela está indo e voltando, tranquilo.” Porque lá [na Kiss], pra mim, era seguro. Lá eu tinha certeza que se estava funcionando, era porque estava tudo bem. [Mas] a gente se enganou.

F: É um lugar que passava na frente, a fachada era muito bonita, não é? [Ela] disse que lá dentro também. Só que era bonito, mas não tinha o mínimo de segurança, né? E eles não se preocupavam com isso aí.

L: Não, a Andri ainda dizia, “Mãe, o Kiko, ele tem muito bom gosto, fica muito bonito, tem um aquário, não sei o quê... E tem isso, tem aquilo”... e ela, “Mas ele não bota um extintor porque fica feio...”

F: É...

L: É, eu digo: “Pára, onde se viu, não botar um extintor?” E ela: “Porque daí fica feio.” E a gente teve uma conversa [um dia] nós fomos no Carrefour e nós ia atravessando [a rua] e ela: “Mãe vou mostrar pra senhora, essa aqui é a Kiss que a gente vem...” A famosa Kiss e eu só olhei assim de longe, eu digo: “Nossa, sem janela...” Nós ali na esquina, esperando atravessar, eu digo: “Sem janela filha, que

horror...só uma porta.” Ela: “É... porque não pode sair o barulho da música. Então eles tapam e deixam tudo fechado porque os vizinhos reclamam...” Eu digo: “Bah, e se acontece alguma coisa, uma briga, alguma coisa...” E ela: “Aí o que a senhora quer que eu faça?” E eu: “Sei lá, vai para o banheiro”. Eu fiquei aquele domingo [na manhã do incêndio], desde a hora que nós saímos daqui. Eu digo: “Tomara que ela não tenha me escutado...” Olha a conversa que a gente teve em outubro, novembro, 2012! Eu fiquei direto todo, nossa, eu fiquei o dia todo... até saber que elas foram pro hospital depois e...

É surreal essas conversas que a gente teve. Idealizei que ele [Kiko] era muito, muito... Tinha bom gosto e que ele só...E era playboyzinho que cada dia estava com uma guria...e que se preocupava muito com a estética. Nossa, gente, escutando depois tudo...bate direitinho com tudo o que elas falavam...

F: Logo depois que aconteceu a tragédia, os caras começaram a investigação para montar o inquérito, né? E a gente saiu [para] umas reuniões com o Ministério público. E a gente ia lá, um dia, o promotor falava uma coisa, no outro dia já era diferente, né? Bah tem uma coisa de errada aí. Não, não sou...tu entendeu mal... Bom, eu digo assim: “tá, mas vou [ter que] começar a gravar as reuniões desse cara.” E aí eu comecei. E sempre o discurso era diferente, né?! E daí nós íamos na delegacia. E um dia eles “olha, a gente está rompendo com o Ministério Público!” [Argumentavam]: “A gente chamou eles para acompanhar a investigação. Só que

a gente está aqui, [mas] eles não querem que a gente investigue certas coisas...e o nosso trabalho investigativo é bom...não poderiam denunciar a indiciar fulano, cicrano...porque não seriam denunciados, e aquela coisa toda.” Então aí já surgiu o impasse entre a polícia e os promotores. E a gente cobrando...

E a Associação foi criada assim. Foi tratado sobre a criação dela uma semana [depois], na missa de sétimo dia. O Aderbal, no final da missa, levantou lá e pediu pro padre para se dirigir até a frente [e] conversar. E lá ele falou com os pais, para todos: “Olha, a gente tem que se organizar enquanto sociedade para tentar correr atrás dos nossos direitos e cobrar”. Só que um grupo de advogados que estava junto com a Associação não queria, não queriam conflito. Então quando se tratava de cobrar essa denúncia, para eles era entrar em conflito com o Ministério Público. E a gente não queria saber isso. Quem gostou, gostou. Se não gostou...

Então a gente criou um movimento social, o movimento “Santa Maria do Luto, à Luta.” E era formado por pais de vítimas, irmãos, parentes, a sociedade. E aí nós íamos manifestar lá no Gabinete do Prefeito, lá nos Bombeiros...é aqueles que estavam iniciados, não é? E boa parte da sociedade nos tachou como louco, assim: “os cara tão descontrolados, tão loucos, porque os filhos deles morreram no incêndio. Agora eles querem que todo mundo responda [judicialmente]. Querem que todo mundo pague...” [Mas] eram aquelas pessoas que a polícia indiciou e o Ministério Público não denunciou. E depois do júri, nós somos cobrados. Só que

dessa mesma sociedade, porque tinha um fulano, sicrano, que tinha um parente que estava no cabide de emprego lá do vereador, do secretário, do prefeito...então eles estavam protegendo. É esse lado deles aí. E eu sei que a gente ganhou um pouco de antipatia com o percentual da população por isso aí. Porque a gente cobrava mesmo, e ia lá e falava o nome, apontava. Tanto é que a gente acabou sendo processado por cobrar e mostrar as coisas como aconteceram, né? E depois do júri essa mesma parte da população nos chamou de vingativos. Porque a gente tinha sido condenado; só os quatro bois de piranha. Então, se essa mesma parte da sociedade tivesse se unido a gente e cobrado essa denúncia, talvez tivesse andado por um caminho diferente, né? Então isso que é uma coisa que marcou muito.

Um exemplo: a tenda ali na praça, a “Tenda [da Vigília]” foi colocada ali. Tentaram tirar, né? É ela foi permitida no dia 2 de abril [de 2013]. O documento era do dia 1º de abril. E daí a gente foi vendo que ali era um lugar, estrategicamente, para se fazer um ponto de memória. E fizemos várias atividades lá, desde “Campanha de Agasalho.” É encampamos aquele, aquele, aquele projeto do “Amor no Cabide” que teve em 2014. A gente distribuiu ali mais ou menos dez mil mudas de roupa. O prefeito [que] administrava [a cidade] tentou várias vezes nos tirar dali. E a gente chegou ficar semanas ali, 24 horas [por dia]. Dormindo pai, mãe, gente dormindo ali dentro... E nós demos um abraço na “Vigília” para

evitar que tirasse. Daí eles acabaram desistindo. É porque incomodava a “Tenda” ali. Ela alertava para aquela parte da feia da história da cidade que os cara queria jogar para baixo do tapete. Aquilo ali era que não deixava. Pois ali, até nos primeiros meses, nós somos cobrados dos representantes comerciais, por não terem um faturamento desejado. Então [alegavam que] era nós que estávamos travancando ao crescimento da cidade, o desenvolvimento do comércio. Então, as cobranças foram de uma desumanidade sem limites.

(...)

L: Com o que aconteceu, eu aprendi uma coisa. Se eu ficar em casa de braços cruzados, eu vou ser criticado e julgada. E se eu botar a cara, eu vou ser julgada e criticada, igual. Então eu vou fazer o que eu quero. E a nossa opção foi ir à luta e não se contentar com o que estava...mas tem mães que já não é não, não é essa. [Nós] respeitamos.

Até essas mães que do livro...[*Nossa Nova Caminhada*]. [Uma das mães] foi lá e disse: “Ah, Ligi, eu recebi uma carta psicografada, que o Guilherme disse que estava com as Cinderelas [Andrielle e suas amigas]. Sabe, “Que coisa boa”, digo, “Estamos juntos,” então. Eu aceitava com respeito. Que eu digo, se ela acredita, né? Aí ela disse: “Ai, tu não tem curiosidade de receber, de ter uma carta dela?” Eu disse: “Eu vou te ser bem sincera...” Eu não vou atrás querendo, correndo por

tudo que é lugar pra ter notícia dela e eu disse: “A ligação, nossa melhor ligação, a mais sincera, é sonho.” Tem, graças a Deus, tem o privilégio de sonhar. Agora faz um tempo que eu não sonho mais. E eu disse: “Eu nunca vou ir atrás.” Ai, ela: “Vocês não querem ir na caravana?” [A caravana para visitar o médium que recebe cartas psicografadas] “Não,” eu disse, “nunca vou ir atrás, procurar notícia dela.”

F: ...Quer ver, nesse dia eu adormeci no sofá, virado para lá, e eu vi bem direitinho uma mistura de sonho com realidade. Aquele espaço aí [apontando para a escada], bem direitinho, vi ela descer. E eu estava deitado, e assim quando eu senti aquele, eu sentia [como] quando no inverno, quando a Ligiane chega [e] assim me abraça, assim a sentir aquilo quente. E depois eu senti que estava nessa linha, eu olhei e era direitinho e subindo a escada ali...mas tem essas coisas, que a gente fala só entre nós, porque senão vão dizer que estou tão louco, “tá vendo coisa,” coisa e tal...

Eu não sei se era coisa da minha cabeça, porque a última vez que eu sonhei com ela, nós tínhamos um [cachorro] labrador que era dela, desde pequenininha. Bah...era um xodó dela. O cachorro quase morreu junto quando...ficou três meses atirado, não queria comer, debaixo do reboque, só deitado. E ela chamava ele de “Gordo”, né? Então, quando a gente chama ele pelo nome é uma coisa, [mas] se chamava ele de “Gordo,” ele ficava todo diferente. Porque era praticamente só ela

e a Gabi, que chamava ele de “Gordo.” Nós temos uma área do fundo que ela botava um tapete e depois todos se acomodavam ela abre a porta e diz “Gordo, vem, que a Mana vai tocar uma música para tu ouvir.” E ele deitava num tapete. Às vezes ele quase adormecia com ela tocando violão para ele, ali. Então assim, e eu ganhei uma coisa assim...eu dizia “Gordo, está com saudade da Mana?” E a gente via o brilho nos olhos do bicho...“O pai também está com saudade.” e estava com vontade de sonhar com ela. [Foi] um sonho bem estranho. Eu sonhei com ela grande. E com o nenê nos braços que era ela pequena...e eu digo, “Como ela é bonitinha, né, filha?” Digo assim e ela sorria, só ria. Não sei, achei estranho, a gente não consegue [explicar].

E...como a gente já estava falando nessa questão das cartas, aqui vem muitas. É, a gente recebeu as nossas...recebemos daí até a menina que escreveu o livro foi a...

L: Lidiane.

F: A Lidiane, né? A Lidiane tinha saído com a família para buscar a doação. Ela chega lá, “Eu trouxe a carta pra tia Ligi [Ligiane],” e não sei o quê...que é psicografada, não...daí ela pegou e me deu...daí: “é pra tia Ligi, né?” E a gente conversando. “O senhor não vai abrir, tio Flávio, não?;” “Essa carta é para tia Lígi, como que eu vou [abrir], né?;” “Não, é pro senhor também.” E daí eu comecei a ler, ler a carta, mas...é que o diálogo que tinha ali não tinha nada com o

tratamento que a gente tinha com ela, não é? Então a gente fica...sempre uma certa frustração, né? [...] Fiquei com medo, tomara que ela não me pergunte nada, não é? E ela...“O que que o senhor achou?” Eu digo: “Tu quer que eu seja sincero, não é? E eu vou ser, tu me conhece , entendeu? Olha. Eu não, não achei...não vi nada da minha filha tentando falar alguma coisa ali. É o coração da gente, fala e a gente sente, a gente conhece, não é?” Eu digo, “Infelizmente tu me perguntou , eu tenho... que te responder.” Mas muitos pais usaram como uma tábua de salvação. E como é que tu...quem é que somos nós para dizer... não vai? Então a gente dá força, então se...se agarrou naquilo, ali está te fazendo um bem...E tá te fazendo um bem...

L: É que nem a gente, né?

F: A gente tem que torcer para Deus que aquela pessoa continue acreditando, né? E se sintam bem também, só que é...

L: O que faz bem para a gente, não faz bem para eles, né? É outra coisa.

(...)

L: A primeira vez que eu sonhei com ela...acho que não fazia uma semana, 15 dias, acho que não fazia isso, e eu sonhei que estava ela...eu amamenteei ela até 3 anos e pouco e eu sonhei que eu estava amamentando ela, mas era pequenininha...porque ela era 46 centímetros, assim, de uma coisinha

pequeninha e cabeluda e eu estava amamentando ela. E nisso eu acordei com dor no seio. Não sei. Aí eu peguei, botei a mão, estava toda molhada...eu já acordei o Flávio, e ele: “Que que é isso?” Digo: “Eu estava sonhando que tava amamentando a Andri...” Então é...é coisas assim muito forte ... eu digo, essa ligação da gente é muito forte. Ou então, quando eu estava chorando muito, com muita saudade dela, eu me lembro que eu deitei, deitei na cama e eu deitada, eu sonhando que ela tava em pé, que ela estava com um calção que ela usava do primo dela para jogar - adorava jogar futebol - com meião grande e com uma blusa, com cabelo preso. E eu dizia: “Ai, filha, a mãe tá com saudade...,” ela só faz assim pra mim (emite um som). E eu abri o olho, direitinho, [ela] tava do mesmo jeito que eu estava meio sonhando com ela. Mas tem...tem, é...é sonho. Eu sonho com ela pequena, com quatro, cinco aninhos. Sonhava muito com ela, com os dezoito, vinte, vinte e dois anos. E sempre tem alguma coisa, algum...né...algum recado. Ou então, às vezes eu digo: “Ai saudade do teu abraço justamente” ... eu acordava, ela abraçando.

(...)

L: Então é coisa assim que não tem explicação, né? Não tem. E teve uma vez que eu estava muito decepcionada que eu disse: “Ai, eu vou parar, não vou fazer mais vigília, não, não quero de novo... Eu tava decidida bem a não ir mais. E aí eu tinha a minha avó de... ela faleceu com noventa e nove anos. Seis meses [depois

da tragédia] e a avó já tinha falecido. E só que ela nunca foi de dizer dessa função da gente estar sempre assim [no movimento]. Ela não era contra nem a favor. Única coisa que ela dizia é para deixar os mortos descansarem. Então eu sempre respeitava, não ia com a camiseta. E naquela época eu estava muito cansada mesmo, e eu sonhei direitinho, avó deitada, ela pegou na minha mão e disse: “não desiste, não desiste, tu vai até o fim”. Eu me acordei na hora. Aí eu disse, quer saber: “tá dando recado, né?” Digo “acho que não estamos no caminho errado, né? Tô no caminho que tem que ser e vamos seguir...”

(...)

L: A maioria dos pais não usam mais em público a camiseta dos filhos, até por uma condenação da própria sociedade. É isso aí, é também de dentro das famílias. É muito triste tu ouvir de uma mãe que, do convívio familiar delas: “Mas já...já...deu, tu não vai parar com isso aí?” Querem proibir até que a mãe...[use] a camiseta com uma foto da filha. Isso aí é uma crueldade...eu saio e eu digo assim: “Ó, dificilmente vocês vão me ver se eu não tiver com uma camiseta assim [da Associação] ou com a camiseta com a foto da minha filha...”

F: Quando eu saio com a camiseta da minha filha, [tu] vê as pessoas, e tu percebe quando a pessoa está curiosa, quando ela está tentando te encarar com ar de censura. Já compro briga comigo mesmo “Aham, e as pessoas não são obrigadas a sentir a nossa dor, vestir a nossa camiseta...”

L: [Mas que] respeite.

F: Mas que que nos deixe aqui, deixa a gente expressar o sentimento, né, pelos nossos filhos. Que é aquilo que nos move, que nos mantém vivos e na luta...porque se a gente não tivesse tomado essa linha de frente, não sei o que teria acontecido comigo, se já não teria feito alguma besteira...porque passa mil e uma coisas na cabeça da gente, quando a gente começa a perceber como o Poder Judiciário está tratando essas questões e processos. E...não é fácil. Não é fácil, [...] digo: “Olha, é, é uma grande covardia essa questão da disparidade de armas entre nós que procuramos a justiça e o Poder Judiciário que tem todo aquele aparato. Mas nós só temos uma arma. Essa arma é muito forte. Que é o amor que nós temos pelos nossos filhos...isso aí faz a gente romper Fronteiras...e a gente vai continuar.

Note: The editors have lightly edited this interview to maintain the flow of the conversation on the printed page. But we have chosen to maintain informal and local usage of Rio Grande do Sul, to convey the flavor of everyday speech.